

NUNCA ME ESQUECI DE TI: A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DE UM LUGAR

ANA ISABEL BARBOSA LINO*

Resumo: Para a elaboração deste artigo, fruto de uma investigação académica no âmbito da História da Fotografia, dentro dos estudos da Cultura Visual, recorreu-se a um registo fotográfico português, dos anos 50/60 do século XX, cuja temática recai sobre a paisagem da zona portuense das Fontainhas. Como principais objetivos, pretendeu-se elaborar a análise da fotografia, abordando questões técnicas e formais, bem como esboçar um pequeno estudo sobre o fotógrafo, Jorge Henriques. Todavia, trabalhou-se a imagem sobretudo do ponto de vista da memória do lugar: um dos primeiros passeios públicos da cidade, palco de festejos e lembranças.

Palavras-chave: fotografia; Porto; Fontainhas; Jorge Henriques.

Abstract: Regarding the elaboration of this article, which results from an academic investigation in History of Photography, within the studies of Visual Culture, we selected a Portuguese photographic record, dating from the years 50/60 of the 20th century, whose thematic falls on the landscape of the area of Fontainhas (Porto). As the main goals, we intended to elaborate the analysis of the photograph, addressing technical and formal issues, as well as sketching a small study about the photographer, Jorge Henriques. Nevertheless, the image was mainly read from the point of view of the history of the place: one of the first public walks of the city, stage of festivities and memories.

Keywords: photography; Porto; Fontainhas; Jorge Henriques.

INTRODUÇÃO

O registo fotográfico data dos anos 50/60 do século XX. Como tal, no decorrer deste trabalho, investigou-se a zona do Passeio das Fontainhas durante essa mesma época, comparando-a com a atualidade, para que se percebessem as razões que levaram o autor a capturar aquele momento, naquele sítio. Como principais motivações para a escolha deste registo (e, portanto, da temática que retrata) assinalam-se a curiosidade por este confronto entre as *Fontainhas* da altura em que foram fotografadas e as dos dias de hoje, bem como a vontade de conhecer a obra e a figura de Jorge Henriques, tão pouco estudado até agora.

A imagem fotográfica foi encontrada durante uma pesquisa na *web* por fotografias da zona oriental do Porto. Foi fácil escolhê-la para a nossa análise, especialmente pela sua luz e pela mensagem que parece querer transmitir, deixando no ar alguma nostalgia – a mesma que inspirou o título que se atribuiu ao trabalho: *Nunca me esqueci de ti*, como a canção homónima de Rui Veloso, cantor criado no Porto desde a infância.

Como objetivos específicos, pretende responder-se a algumas questões – a) onde estaria posicionado o fotógrafo?; b) a que horas fotografou?; c) como está hoje esse lugar? – para este último, servimo-nos sobretudo da observação direta no território e da análise de antigos documentos fotográficos e cartográficos.

* CITCEM. up201202039@letras.up.pt



Figura 1 – Sem Título. Jorge Henriques, anos 50/60. Positivo, papel, p/b, 23x24cm, gelatina e sais de prata. Centro Português da Fotografia; Pertence ao conjunto de fotografias que foram selecionadas para a exposição «Domingo de Manhã», patente no CPF no ano de 2002. Código de referência: PT/CPF/JH/00014.

Quanto ao processo de recolha de dados, este passou, em primeiro lugar, pela pesquisa sobre o fotógrafo: no arquivo digital do Centro Português de Fotografia (CPF)¹. Seguiu-se a leitura de obras bibliográficas relacionadas com o tema e com a exposição em que a fotografia foi apresentada (de seu nome *Domingo de manhã...*²). Recorreu-se ainda a uma visita presencial ao CPF para obter ainda mais informações sobre Jorge Henriques. Já para o estudo do local, a investigação foi feita sobretudo na plataforma GISA (do Arquivo Histórico Municipal do Porto), no já referido arquivo digital do CPF e em monografias específicas. De seguida, procedeu-se à observação no local e à captação de imagens (ver apêndice 2, 3 e 4), para posterior comparação com registos de outras épocas e, por fim, foi elaborado o presente relatório escrito.

O FOTÓGRAFO: JORGE HENRIQUES

Nascido em Coimbra, Jorge Henriques vem residir no Porto entre 1943 e 1981 por motivos profissionais. É durante vinte e um anos (1950-1971) que, até ao meio dia das manhãs de domingos e feriados, fotografa a zona ribeirinha da cidade. Todavia, após a morte da sua esposa, acaba por perder o ânimo para a arte de fotografar. Fotógrafo

¹ <https://digitarq.cpf.arquivos.pt/> consultado pela última vez a 30/04/2019, às 16:50h.

² SERÉN, 2002.

amador e salonista³, foi sócio e membro da direção da Associação Fotográfica do Porto (AFP). A sua obra segue o caminho do Pictorialismo, marcado pelas técnicas desenvolvidas de luz e sombra:

De acordo com os ideias e regras salonistas, o seu trabalho demonstra um grande apuramento técnico e um esplêndido tratamento da luz. Herança do Pictorialismo é naturalmente a relação entre o enquadramento e a temática, por vezes fortemente lírica e tendo como actores indivíduos ou grupos populares, o que é comum ao sentido do Salonismo⁴.

Em Junho de 2007 o seu espólio, composto por 65 documentos fotográficos, foi doado ao CPF, onde o podemos encontrar hoje.

ANÁLISE DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

A imagem fotográfica estudada encontra-se, então, na coleção do Centro Português da Fotografia. No ano de 2002, juntamente com outras fotografias de Jorge Henriques, fez parte da exposição, que aí teve lugar, denominada *Domingo de Manhã*.

Retrata uma caminhada no passeio das Fontainhas, possivelmente entre pai e filho, pelo que se caracteriza como figurativa. Em termos de classificação genérica, insere-se na fotografia de rua, mostrando uma cena passageira, com figuras humanas no seu dia-a-dia, ladeadas por arquiteturas, exacerbando o carácter temporário da ação, podendo também ser considerada fotografia documental por se associar à história de um lugar, se bem que não tenha sido criada para tal fim. Enumerando alguns parâmetros técnicos, é um registo de grande formato, positivo, com suporte em papel, monocromático: preto e branco com dominante fria (azulada). O processo fotográfico realizou-se com prova de gelatina de prata. Quanto à textura pictórica, o grão praticamente não se manifesta, sendo visível apenas no lado superior esquerdo da imagem fotográfica, o que pode indicar uma menor sensibilidade da película.

Numa leitura primária encontram-se três figuras humanas, duas a caminhar pela rua, entre um muro e habitações, com a ponte Luís I num plano de fundo, e uma terceira num plano mais afastado. Quanto ao contexto, não tivemos acesso a informações detalhadas que nos indiquem a intenção do fotógrafo, a não ser o seu gosto por fotografar durante os passeios matinais de Domingo.

Passando a um nível morfológico, analisamos agora o enquadramento: quanto à composição dos elementos na imagem, vemos em destaque as arquiteturas (os edifícios, o passeio e a ponte), e ainda alguma vegetação (as árvores), as suas sombras e em menor escala, as três figuras humanas mencionadas anteriormente, duas numa posição central, constituindo o ponto de focagem. De facto, o número de figuras é reduzido em relação à

³ «A ele muito se deve a longa prática desse estilo a que, pela divulgação nas corporações criadas e valorizadas pelo Estado Novo, se chamou Salonismo». A arte fotográfica, in SEREN, Maria do Carmo – A representação de si: o retrato da Fotografia Beleza in SOUSA, 2008.

⁴ Excerto do texto do convite para a exposição Domingo de Manhã, in <https://novaziodaonda.wordpress.com/2011/09/13/jorge-henriques-domingo-de-manha/>, dia 04-06-2016, às 18:24h.

componente espacial – não as encontramos nem no plano mais próximo nem no mais afastado, mas num plano intermédio –, ou seja, a ênfase é colocada nos elementos urbanos, sugerindo a amplitude do espaço. Trata-se de um plano geral, já que as figuras estão enquadradas no contexto desse espaço, existindo leitura entre eles. Quanto ao posicionamento da câmara, estamos perante um plano picado ou *plongée* – que favorece esta percepção espacial.

Num nível compositivo, a perspetiva é atmosférica porque os planos distantes parecem mais suaves, com perda de pormenor, do que os planos próximos, mais detalhados. A composição é aberta, num espaço concreto, exterior e aberto. O tempo acusa a instantaneidade: capta o momento da caminhada, não se tratando de uma fotografia encenada, mas sim fruto de um olhar pictorialista e sensível.

Predominam as linhas retas oblíquas, com algumas verticais e horizontais, que se interseccionam, atribuindo à imagem fotográfica dinamismo e ritmo através da repetição, visíveis, por exemplo, nas árvores, nas sombras, nos tabuleiros da ponte (ver apêndice 1). Nota-se uma certa inclinação da linha do horizonte, que é elevada, mas conservando a verticalidade de alguns elementos como as árvores.



Figura 2 – Linhas identificáveis na imagem fotográfica

A iluminação, natural, é sobretudo de contraluz e de alta intensidade porque os contrastes entre luz e sombras são fortes e ajudam a tornar o cenário espetacular. Por um lado, contrastam os claros sobre escuros e escuros sobre claros (como vemos entre a roupa estendida e o muro ou as casas), por outro lado existe uma harmonia entre o tom do rio e do céu.



Figura 3 – Comparação entre sombras a diferentes horas do dia. Esquerda: fim da tarde. Direita: c. 12:00(?)

FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DE UM LUGAR: FONTAINHAS, PORTO

Analisa-se agora a paisagem a partir do Passeio das Fontainhas, comparando-a com a atualidade. Em 1831, o lugar das Fontainhas era considerado um dos mais belos miradouros da cidade, com as suas ruas ladeadas de canteiros e uma fonte ao centro. Foi a primeira varanda portuense sobre o Douro. Em 1790, o espaço recebeu gradeamentos a toda a volta⁵, com portas que à noite se fechavam. A alameda, cujo traçado é atribuído a José Francisco de Paiva, tornou-se local de passeio para os portuenses que fruía da sombra dos plátanos colocados de forma simétrica, da fonte e de tanques para lavar roupa, que ainda hoje podemos observar. Em 1871, foi alargada para nascente e nela foi edificado um muro para a proteção do caminho-de-ferro⁶. Continua visível um túnel ferroviário, aberto em 1888, cuja linha ligava a Alfândega de Miragaia à estação de Campanhã, entretanto desativado.

Em 1877 erguia-se a Ponte D. Maria e em 1886 a de Luís I. Nos anos 90 do século XX aparecia a Ponte São João. Todas posteriores à construção do Passeio, são alguns dos elementos paisagísticos que lhe dão a sua singularidade. Contudo, nos dias que já lá vão, os visitantes das Fontainhas encantar-se-iam antes com a paisagem vegetalista, as colinas e a vinha da outra margem. Hoje, a Alameda é menor, devido à construção da ponte do Infante, mas as Fontainhas continuam o palco imperdível da noite de São João. Era lá que todos os Sábados de manhã se realizava a Feira da Vandoma, atualmente deslocada para a Avenida 25 de Abril⁷.

⁵ COUTO, 1998: 146.

⁶ BARROS, 2010: 105.

⁷ De acordo com informação recebida através de um assistente do website <http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/default.aspx>, dia 21-04-16 às 12:25h.

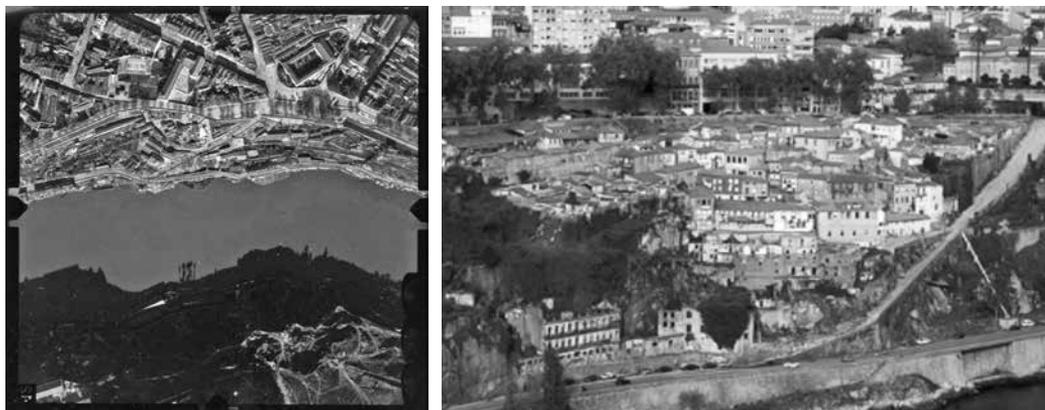


Figura 4 – Esquerda: Vista aérea da zona do Passeio e da Alameda das Fontainhas, 1939/1940 (<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587885/?q=rua+do+sol>); Direita: Vista sobre a escarpa das Fontainhas, Carlos Silva, 2012 (<http://porto-sentido.blogs.sapo.pt/tag/fontainhas>).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivos deste trabalho, procurou-se responder a algumas questões: Onde estaria posicionado o fotógrafo? A que horas fotografou? Como está hoje o local? Depois do estudo efetuado, os resultados foram bem-sucedidos. Através da deslocação ao local, depreendemos que o fotógrafo estaria posicionado na rampa da Rua do Sol, com o olhar apontado para o Passeio das Fontainhas (no sentido da Ponte Luís I). Analisando a direção das sombras, através de fotografias em diferentes alturas do dia e com o auxílio de um relógio de sol desenhado manualmente, conclui-se que seriam aproximadamente dez horas da manhã quando Jorge Henriques criou a fotografia.



Figura 5 – Possível localização do fotógrafo (Rampa do Sol). Esquerda: Fotografia da autora. Direita: Plano em que se vê a Rua do Sol e o Passeio das Fontainhas, 1839. AHMP, disponível em <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-ofdescription/documents/334887/?q=rua+do+sol>.



Figura 6 – Vista sobre a rampa da Rua do Sol, Carlos Silva, 2012. AHMP, disponível em <http://porto-sentido.blogspot.com/2012/07/sapo.pt/tag/fontainhas>.

Numa última fase, comparou-se o estado atual da área fotografada com a imagem fotográfica, assinalando os elementos identificáveis que ainda se assemelham aos captados nos anos 50/60. Assim sendo, sabemos que o Passeio das Fontainhas não foi alvo de grandes transformações estruturais, excetuando as que respeitam à edificação da Cooperativa de Habitação de S. João das Fontainhas, mas que a sua envolvente foi bastante modificada tendo em conta as derrocadas da escarpa, a construção de elementos como a Ponte do Infante, o Viaduto e Parque de Estacionamento Duque de Loulé.



Figura 7 – Esquerda: Passeio das Fontainhas antes da construção do edifício da Cooperativa, com vista da rampa da Rua do Sol (direita), João Avila, 2013, retirada de ÁVILA, João – O espaço sobranste: o caso dos viadutos, dissertação e Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona, sob orientação do Professor Dr. Arq. Manuel Joaquim Soeiro Moreno, Porto, 2013, p. 52. Direita: Passeio das Fontainhas durante a construção do edifício da Cooperativa. Vista para os plátanos.



Figura 8 – Assinalamento de pontos comuns identificáveis às duas épocas.

Quanto à obra de Jorge Henriques, a partir da análise desta imagem fotográfica, torna-se possível a confirmação do seu enquadramento dentro das práticas correntes da fotografia portuguesa dos anos 50 e 60.

A abordagem metodológica proposta, e que se utilizou para esta investigação, enquadra-se nos mais recentes campos da História da Arte, que, entretanto, se vem abrindo a temáticas relacionadas com a imagem, numa perspetiva contemporânea, e que conformam a Cultura Visual. A par com o cinema, a fotografia torna-se, a largos passos, um imprescindível método de análise do Património construído, permitindo a maior exatidão dos estudos da História Urbana.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Joaquim Jaime Barros Ferreira (1987) – *O Porto Na Época Dos Almadas (1757-1804)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Doutoramento.
- BARROS, Susana Pacheco (2010) – *História do Porto, a cidade dos Almadas, das reformas pombalinas à véspera das invasões*, vol. 8. Matosinhos: QN – Edições e Conteúdos, SA.
- COSTA, Sofia Elisabete Nogueira (2014) – *A Fotografia de Família no Sistema de Informação Marques da Silva/Moreira da Silva: uma abordagem sistémica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre.
- COUTO, Júlio (1998) – *O Porto em 7 dias*, 2.ª Edição. Porto: Campo das Letras.

- FERNANDES, Marcos (s/d) – *A fotografia nos anos 40, 50 e 60 | Espaço para Humanismo, Neorealismo, Reportagem Subjetiva, Paisagem Social, e Salonismo, no tempo fotográfico de Artur Pastor*. Disponível em <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Artur%20Pastor/artigo_marcosfernandes.pdf>.
- NORA, Pierre (1993) – *Entre a memória e história: a problemática dos lugares*. In *Projecto História*. São Paulo, n.º 10, p. 7-28, dezembro.
- PINTO, Jorge Ricardo (2007) – *O Porto Oriental no Final do Século XIX*, Porto: Edições Afrontamento.
- SEBASTIÁN, Francisco Javier Lázaro (2011) – *Salonismo y Tardopictorialismo en el panorama fotográfico español de la década de los cincuenta. La Sociedad Fotográfica de Zaragoza y su Salón Internacional*, Asociación Aragonesa de Críticos de Arte, revista número 17. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3848549>>.
- SERÉN, Maria do Carmo [et al.] (2002) – *Domingo de manhã*. Porto: Centro Português de Fotografia.
- SOUSA, Fernando de (coord.) (2008) – *Espólio Fotográfico Português*, Porto: CEPSE.
- TAVARES, Emília – *Hibridismo e Superação: A Fotografia e o Modernismo Português*. Disponível em <http://www.emiliatavares.com/uploads/5/7/8/9/5789024/hibridismo_e_superao_emlia_tavares.pdf>.

SÍTIOS WEB VISITADOS

- Biografia de Jorge Henriques escrita por Eric Breia Disponível em <<http://www.jorge-henriques.com/quem-e->>. [Consulta realizada em 17-02-16, às 20:30h].
- Biografia de Jorge Henriques. Disponível em <<http://digitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=39165>>. [Consulta realizada em 17-02-16, às 20:38h].
- Turismo do Porto. Disponível em <<http://www.visitporto.travel/Visitar/Paginas/default.aspx>>. [Consulta realizada em 21-04-16, às 12:25h].
- «O Bando foi à descoberta dos Túneis». Disponível em <http://bando-do-cafe-progresso.blogspot.pt/2010_11_01_archive.html>. [Consulta realizada em 21-04-2016, às 12:33h].
- Fotografias das Fontainhas. Disponível em <<http://porto-sentido.blogs.sapo.pt/tag/fontainhas>>. [Consulta realizada em 21-04-16, às 12:35h].
- Um Comboio e Três Linhas por Dario Silva. Disponível em <<https://aventar.eu/2010/05/11/um-comboio-e-tres-linhas/>>. [Consulta realizada em 21-04-16, às 12:37h].
- Porto – Despedida do Comboio a Vapor via Larga 25-3-1977 por Paulo Moreira. Disponível em <<http://retratosdeportugal.blogspot.pt/2009/03/porto-despedida-do-comboio-vapor-via.html>>. [Consulta realizada em 21-04-16, às 12:37h].
- ASSOCIAÇÃO FOTOGRAFICA DO PORTO, MANUEL MAGALHÃES Fotografia Disponível em <<http://mmagalhaesfotografia.blogspot.pt/2010/07/associacao-fotografica-do-porto.html>>. [Consulta realizada em 23-04-2016, às 12:32h].
- «À conversa com...», por Sérgio B. Gomes. Disponível em <<http://artephotographica.blogspot.pt/2009/03/conversa-com.html>>. [Consulta realizada em 23-04-16, às 13:23h].
- «Movimento Pictorialista». Disponível em <<http://noolhar.tv/foto-conteudo/movimento-pictorialista>>. [Consulta realizada em 23-04-16, às 13:36h].
- Fotografia aérea da cidade do Porto: 1939-1940: fiada 20, n.º 437. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587853/?q=rua+do+sol>>. [Consulta realizada em 25-04-2016, às 19:36h].
- Fotografia aérea da cidade do Porto: 1939-1940: fiada 21, n.º 469. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587885/?q=rua+do+sol>>. [Consulta realizada em 25-04-2016, às 19:37h].
- Texto do convite para a exposição *Domingo de Manhã*. Disponível em <<https://novaziodaonda.wordpress.com/2011/09/13/jorge-henriques-domingo-de-manha/>>. [Consulta realizada em 04-06-2016, às 18:24h].

Plano que mostra (...) os terrenos compreendidos entre a lingueta da Rua do Sol e a Escada dos Guindais (...). Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/334887/?q=rua+-do+sol>>. [Consulta realizada em 27-04-2016, às 10:38h].